

ANÁLISE DO PERFIL DAS LEITORAS DO GRUPO DE LEITURAS FEMINISTAS (GLEFEM) E SUAS IMPLICAÇÕES NA CURADORIA DAS OBRAS

ANALYSIS OF THE PROFILE OF READERS FROM THE FEMINIST READING GROUP (GLEFEM) AND ITS IMPLICATIONS ON CURATING WORKS

Beatriz Macedo de Souza
Graduada em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa
Universidade Federal de Campina Grande
macedobeatriz16@gmail.com

Karine Viana Amorim
Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino
Universidade Federal de Campina Grande
karinevianaufcg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1018-1728>

Resumo

O Grupo de Leituras Feministas (GLEFEM) teve como objetivo fomentar a leitura de Literatura de autoria feminina. Ocorreu de maneira remota, através da plataforma *Google Meet*, com um encontro mensal para a discussão de uma obra selecionada e lida previamente, e contava com dezesseis participantes. O presente trabalho se propõe a analisar à luz dos postulados teóricos de Bajour (2012), Torre (2012), Valente e Domingos (2019), e Xavier (2018), o perfil das leitoras do GLEFEM, bem como, as implicações nas ações das mediadoras visando a permanência destas leitoras no grupo, um exemplo dessas ações, é a curadoria das obras. Para a coleta dos dados, foi aplicado um questionário online para as dezesseis participantes, pela plataforma Google Formulários, com doze perguntas que versam desde a idade das participantes até os motivos que as fazem permanecer no grupo. Obtivemos os seguintes resultados: 1) 71,4% das participantes são do gênero feminino; 2) 57,1% das participantes têm entre 14 e 20 anos; 3) 49,9% das participantes tem entre 20 e 30 anos; 4) 57,1% das participantes são estudantes de graduação; 5) 57,1% liam mais de uma vez a cada mês livros escritos por mulheres antes da entrada no grupo.

Palavras-chave: Grupo de Leitura; Autoria Feminina; Leitoras.

Abstract

The Group of Feminists Readings (GLEFEM in Portuguese translation) aims to encourage the reading of female authorship Literature. It occurs remotely, through the platform *Google Meet*, with one meeting per month to the discussion of a selected and previously read work, and had sixteen participants. The present paper proposes to analyze in the light of the theoretical postulates of Bajour (2012), Torre (2012), Valente and Domingos (2019), and Xavier (2018), the profile of GLEFEM readers, as well as the implications in the actions of the mediators aiming at the permanence of these readers in the group; an example of these actions, is the curatorship of the works. For data collection, an online questionnaire was applied to the sixteen participants using the Google Forms platform, with twelve questions ranging from the age of the participants to the reasons why they remain in the group. We obtained the following results: 1) 71.4% of the participants are female; 2) 57.1% of participants are between 14 and 20 years old; 3) 49.9% of participants are between 20 and 30 years old; 4) 57.1% of participants are undergraduate students; 5) 57.1% read books written by women more than once a month before joining the group.

Keywords: Reading Group; Female Authorship; Readers.

Introdução

Os grupos de discussão do livro contemporâneos têm suas raízes ligadas aos grupos puritanos de estudos bíblicos e aos salões parisienses do século XVII e XVIII. Fundados, em sua maioria, por mulheres brancas de classe média e alta, as discussões eram relacionadas à Literatura e Filantropia (BOWDEN, 1930 apud XAVIER, 2018, p. 02). Por volta de 1800, uma nova corrente de clubes e sociedades literárias emergiu, uma estimativa aponta a existência de 680 clubes ou sociedades literárias nos Estados Unidos em 1939. A *Sorosis*, fundada em 1868, surgiu, após um grupo ser impedido de participar de um jantar em homenagem a Charles Dickens no ano anterior (BOWDEN, 1930; WARD, 1906 apud XAVIER, 2018, p.02). O vigésimo primeiro aniversário da *Sorosis* constituiu a *General Federation of Women's Clubs*, voltadas para as questões culturais, econômicas, políticas e sociais, a Federação atua até hoje nas comunidades estadunidenses (GFWC, 2018 apud XAVIER, 2018, p.02).

Historicamente subversivos, os Clubes de Leitura ou Grupos de Discussão do Livro possibilitaram a criação de um vínculo de apoio, aprendizado e resistência entre as mulheres, atualmente, há a ampliação de novos grupos voltados principalmente para a conscientização política (FALLON, 2017 apud XAVIER, 2018, p.02).

A popularização dos Clubes de Leitura no século XXI se deve primordialmente a criação de clubes por personalidades famosas. Percursora deste movimento, a apresentadora Oprah Winfrey manteve o *Oprah's Book Club* por seis anos em seu programa de televisão. O clube impactou diretamente no número de leitores e de vendas, democratizando a leitura (HALL, 2003 apud XAVIER, 2018, p.02). Além da Oprah, as atrizes Emma Watson, Ema Roberts e Reese Whinterspoon criaram projetos de leitura *on-line*.

Na produção acadêmica brasileira, a temática é escassa, apesar da crescente propagação de Grupos de Discussão do Livro. Países como Canadá, China e Estados Unidos possuem pesquisas sobre a participação de crianças, jovens e adultos nos grupos (FIGUEIREDO, 2017 apud XAVIER, 2018, p.02).

Postos esses dados históricos, passaremos para apresentação acerca dos conceitos básicos sobre grupo virtual de discussão do livro que estão subjacentes a este trabalho:

Entendidos, unanimemente, como grupos de pessoas que se juntam para discutir livros e/ou leituras, num ambiente online (Sedo, 2003; AuYeung et al., 2007; English, 2007; Hirschfel et al., 2008; Balling et al., 2008; Wolsey, 2004; Grisham et al., 2006), os CVL emergem na literatura com diversas designações, nomeadamente: “clubes virtuais de leitura” (AuYeung et al., 2007; Torre, 2008; 2010), “clubes do livro online” (Hoffert, 2006; AuYeung et al., 2007; Hirschfeld et al., 2008; Scharber, 2009), “grupos de discussão online” (AuYeung et al., 2007), “clubes virtuais do livro” (AuYeung et al., 2007; Sedo, 2003; Hirschfeld et al., 2008), “grupos de leitura digitais” (Hirschfeld et al., 2008; Balling et al., 2008), “grupos virtuais de discussão do livro” (Fister, 2005), “discussão de literatura no ciberespaço” (Wolsey, 2004), “comunidade virtual de literacia” (Malone, 2004), “projeto online de literacia” (Malone, 2004), “discussões eletrônicas online de literatura” (Grisham et al., 2006); “discussão de literatura num formato online” (English, 2007). (TORRE, 2012, p.67)

Além desse entendimento do que é um grupo de leitura virtual, cabe pontuar seu objetivo fulcral, que é de formar leitores, tenham eles uma natureza presencial ou virtual, estejam eles inseridos em contexto escolar ou não escolar (TORRE, 2012, p.67).

O presente trabalho objetiva analisar à luz dos postulados teóricos de Bajour (2012), Torre (2012), Valente e Domingos (2019), e Xavier (2018), o perfil das leitoras e as implicações para as ações que visam a permanência destas no Grupo de Leituras Feministas (GLEFEM), sendo uma delas a curadoria das obras. O grupo teve como objetivo fomentar a leitura de Literatura de autoria feminina, diante de um cânone literário hegemônico e a escassez de mulheres no mercado editorial. Os encontros ocorrem de maneira remota, através da plataforma *Google Meet*, com periodicidade mensal, para a discussão de uma obra selecionada e lida previamente, não havendo restrições sobre gêneros literários ou temáticas abordadas. O grupo é mediado por duas acadêmicas do curso Letras-Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Campina Grande, e conta com, e contava com dezesseis participantes.

2 Metodologia

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário *on-line*, através da plataforma *Google Forms*, para as dezesseis participantes do Grupo de Leituras Feministas (GLEFEM), com doze perguntas, e foram selecionadas para compor o *corpus* deste trabalho nove perguntas que giram em torno do perfil das participantes e da avaliação das obras lidas, tendo sido lidas e discutidas duas coletâneas de contos e um romance, sendo eles: *Olhos d'água* de Conceição Evaristo, e *No seu pescoço* de Chimamanda Ngozi Adichie, *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* de Maya Angelou, respectivamente.

Olhos D'água, publicado em 2014, é composto por quinze contos que narram as vivências de mulheres negras que vivem em centros urbanos situações de violência e de exclusão social, tendo como destaque o conto *Olhos d'água*, que dá título ao livro. O conto narra através da voz de uma das filhas o cotidiano de sua mãe, uma mulher negra, matriarca de uma família composta por oito mulheres, e passa inúmeras dificuldades para criá-las, vivendo em uma periferia de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Além dessas questões, é possível perceber que o conto tece um resgate à ancestralidade africana, às raízes familiares e identitárias, busca revelada através da pergunta “[...] de que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2014, p.15).

No seu pescoço, de Chimamanda Ngozi Adichie, publicado em 2017, é composto por doze contos, dos quais se destaca o conto intitulado *No seu pescoço*, o conto que dá nome a obra, por trazer o narrador em segunda pessoa, usando o pronome você, transformando o leitor em uma personagem na narrativa, e narra as vivências de uma jovem nigeriana que se muda para os Estados Unidos, e precisa se adaptar a uma cultura completamente nova, e longe de seus familiares. Além desse conto, também se destaca *Uma Experiência Privada*, no qual a autora conta a história de uma jovem estudante de medicina da cidade de Lagos, que ao visitar sua tia em Kano acaba sendo surpreendida por uma onda de violência em um mercado local. Na busca por um lugar seguro, ela se perde de sua irmã e acaba dentro de uma loja abandonada junto com uma senhora muçulmana.

A última obra lida, é o romance autobiográfico, *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, de Maya Angelou, publicado em 2018, no qual a autora narra suas vivências desde a infância até o nascimento de seu filho, marcadas pelo racismo, por um abuso sexual, pelo silenciamento, e por fim, pela libertação.

Das nove perguntas selecionadas do questionário para compor o *corpus* de análise, sete são perguntas objetivas e duas são perguntas dissertativas, como está disposto na tabela abaixo:

Tab. 1- Questões objetivas e subjetivas e suas respectivas alternativas do questionário.

1)Qual a sua faixa etária?	2)Qual sua identidade de gênero?	3)Qual a sua formação escolar?	4)Qual sua área de estudos?	5)Com que frequência lia literatura de autoria feminina antes de entrar no grupo?	6)Como você avalia as obras lidas e discutidas?	7)Como você avalia a curadoria das obras por parte das mediadoras?	8)Você pretende continuar sendo participante do GLEFEM? Por quê?
14 a 20 anos	Mulher	Ensino fundamental completo	Ciências Humanas	Uma vez a cada ano	Excelentes		
21 a 30 anos	Homem	Ensino médio completo	Ciências Biológicas	Uma vez a cada 6 meses	Boas		
30 a 40 anos	Gênero não-binário	Estudante de graduação	Ciências exatas	Uma vez a cada 3 meses	Ruins		
40 a 60 anos	Outro	Graduação		Uma vez a cada mês	Péssimas		
		Pós-graduação		Mais de uma vez a cada mês			

Fonte: Elaborada pelas autoras

A partir das perguntas objetivas e das perguntas dissertativas do questionário que foi aplicado as participantes do Grupo de Leituras Feministas (GLEFEM), foram extraídos os resultados qualitativos e quantitativos, respectivamente, do presente trabalho. Na tabela abaixo, estão dispostos os resultados quantitativos, coletados a partir das seis primeiras perguntas do questionário.

Tab.2-Perfil das participantes do Grupo de Leituras Feministas (GLEFEM)

1)Faixa etária	2)Identidade de gênero	3)Área de estudos	4)Formação escolar	5)Com que frequência lia literatura de autoria feminina antes da entrada no grupo	6)Avaliação das obras lidas
14 a 20 anos: 57,1% (4 pessoas)	Mulheres: 71,4% (5 pessoas)	Ciências Humanas: 85,7% (6 pessoas)	Estudantes de graduação: 57,1% (4 pessoas)	Mais de uma vez a cada mês: 57,1% (4 pessoas)	Excelentes: 71,4% (5 pessoas)
20 a 30 anos: 49,9% (3 pessoas)	Homens: 14,3% (1 pessoa)	Ciências exatas: 14,3% (1 pessoa)	Ensino médio completo: 14,3% (1 pessoa)	A cada seis meses: 14,3% (1 pessoa)	Boas: 28,6% (2 pessoas)

	Gênero não-binário: 14,3% (1 pessoa)		Ensino Fundamental completo: 28,6% (2 pessoas)	Uma vez a cada ano: 28,6% (2 pessoas)	
--	---	--	---	---------------------------------------	--

Fonte: Elaborada pelas autoras

A partir da questão sete, foram as perguntas dissertativas, que as indagavam sobre: Como você avalia a curadoria das obras por parte das mediadoras? Foi observado a recorrência dos seguintes apontamentos: 1) Avaliação positiva da curadoria, no tocante às temáticas abordadas e a construção linguístico-discursiva das obras; 2) Avaliação positiva das mediadoras, em relação a postura ativa na facilitação do debate; 3) Identificação com as temáticas abordadas nas obras. Como pode ser atestado na seguinte resposta: “Eu creio que a curadora tem um bom repertório literário e linguístico, porque as obras são muito profundas, muito bem escritas e carregadas de um conteúdo que apenas a vivência pode proporcionar a uma escritora. A mediadora também é excelente e demonstra muito jogo de cintura durante as discussões, é educada e muito acolhedora.” No tocante a identificação com as temáticas, como a participante expõe nessa resposta: “Acho que o fato mesmo de essas histórias terem uma forte ligação com nossas vivências, de a gente se identificar com realidades que a gente vive, muitas vezes dolorosas, mas que nos instigam e nos ensinam muito da vida.”

Na questão oito, que as indagava sobre as intenções de permanência, caso as tivessem, observamos que as participantes têm como principal motivo para permanecer o interesse pelas temáticas acerca do feminismo e da condição das mulheres na sociedade, que são recorrentes nas obras lidas, como aponta a participante: “Porque eu quero ter cada vez mais contato com obras de autoria feminina, porque procuro com essas leituras e discussões ampliar minha visão de mundo, poder contribuir compartilhando minha vivência com as outras pessoas e tirar aprendizados com as delas”, e o segundo motivo é a interação entre mediadoras e participantes, como ressalta a participante: “Entretanto, à medida que os encontros estão sendo realizados, sinto que está nascendo no grupo um sentimento de união e de pertencimento”.

3 Discussão

Diante dos resultados apresentados a partir dos dados coletados no questionário, agora cabe debater as implicações que o perfil das leitoras do Grupo de Leituras Feministas (GLEFEM) tem para a curadoria das obras e outras ações que visam a permanência destas no grupo. O perfil que foi descrito nos resultados nos revela que o grupo é: 1) Majoritariamente composto por pessoas que se identificam como mulheres; 2) Composto em sua maioria por estudantes de graduação; 3) Em sua maioria, da área de ciências humanas; 4) A maioria das participantes liam literatura de autoria feminina mais de uma vez a cada mês; 5) É um público predominantemente adulto. O perfil do grupo é um fator determinante para a escolha das obras a serem lidas em coletividade, pois esse ato é permeado pela necessidade de buscar a escolha de textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações, é a antessala de escuta. (BAJOUR, 2012, p.27) É já nesse momento que as mediadoras precisam apurar seus ouvidos, além disso, comprometimento com a literariedade implica a seleção criteriosa de obras, bem como, o estabelecimento de métodos em consonância com a “capacidade de encontrar, por meio da leitura um mundo diverso que atende aos desejos e interesses do leitor de forma criativa e surpreendente, não só pelos temas, mas também pela forma como são apresentados” (FERREIRA, 2009, p. 336 apud VALENTE e DOMINGOS, 2019, p. 23).

As participantes expõem na resposta da pergunta oito que indagava “Como você avalia a curadoria das obras por parte das mediadoras?” uma identificação com as histórias narradas nas obras lidas, como podemos verificar: “Acho que o fato mesmo de essas histórias terem uma forte ligação com nossas vivências, de a gente se identificar com realidades que a gente vive, muitas vezes dolorosas, mas que nos instigam e nos ensinam muito da vida.” Isso se deve ao fato de as obras trazerem os seguintes aspectos temáticos: Racismo, condição das mulheres em diversos modelos de sociedade e cultura, e ancestralidade, desse modo, é perceptível que a curadoria das obras está alinhada a esse público descrito nos resultados, pois as vivências intrínsecas à condição de ser mulher, jovem, universitária são aspectos temáticos das obras lidas.

Outra participante ao responder à questão oito, pontua a postura de escuta adotada pelas mediadoras, fazendo com que o momento de escolha das leituras seja, de fato, a antessala de escuta como ressalta a participante: “Eu creio que a curadora tem um bom repertório literário e linguístico, porque as obras são muito profundas, muito bem escritas e carregadas de um conteúdo que apenas a vivência pode proporcionar a uma escritora. A mediadora também é excelente e demonstra muito jogo de cintura durante as discussões, é educada e muito acolhedora.”

A resposta aponta para duas questões: a qualidade das obras escolhidas, pois propiciam discussões vigorosas e desafiadoras, além disso, a participante também chama atenção para a postura de escuta adotada pelas mediadoras na forma de apresentar as obras literárias, que se configura como importante ferramenta condicionadora do sucesso de um grupo de discussão do livro. Essa concepção dialógica de escuta faz parte de todo ato de leitura em que se busque abrir significados e expandi-los de modo cooperativo. (BAJOUR, 2012, p. 25), também implica em aceitar que o trabalho de mediar leitura é um espaço aberto a discordância, as diferenças, implica sobretudo, enriquecer a vida, a sua leitura, e sua visão de mundo, mesmo que vá de encontro a sua.

A escolha de uma obra também implica repensar as questões que permeiam o cânone, que no caso da literatura e

de sua história, aos sentidos anteriores se acrescentaria a ideia de catálogos ou listas. Desde o mais antigo cânone literário, o de Alexandria (séc. II a.C.), até os cânones atuais, alguns deles muito divulgados e discutidos, como o ocidental de Harold Bloom¹, diversas instituições e intelectuais de prestígio, na maioria dos casos representantes de grupos sociais hegemônicos, se encarregam de selecionar e definir quais textos, autores e gêneros deveriam ser lidos ou tomados como modelo. (BAJOUR, 2012, p.93)

Isto significa dizer que não é válido usar modelos fechados em si mesmo, sem observar o perfil das participantes envolvidas nesse ou em qualquer outro processo de formação de leitoras(es), não haveria permanência ou intenção de permanência em grupo se as obras lidas não trouxerem discussões inquietantes e desafiadoras, ou nenhuma identificação com as conjunturas sociais vivenciadas vividas pelas participantes, como expõe a participante: “Enriquecem minha vivência, me fazem perceber que não sou a única mulher que passa por situações delicadas, perigosas e constrangedoras apenas por ser mulher, lésbica e pobre.” Vale salientar, nenhum projeto que objetiva fomentar a leitura deve estar alheio a essas questões, é preciso portanto,

¹ Professor e crítico literário estadunidense.

pensar em um cânone que escute, que se ofereça ao diálogo, que se abra a cultura que corre fora das instituições que questionam a ideia de “modelo a seguir”, ajuda a incomodar e a abrir os olhos para destronar leituras cristalizadas. Um cânone permeável a cultura do passado e ao mesmo tempo às múltiplas culturas do mundo atual, sobretudo aquelas que têm a ver com as distintas maneiras contemporâneas, algumas extremamente raras e belas, outras terrivelmente cruéis. (BAJOUR, 2012, p.97)

Outro aspecto importante ao refletirmos sobre o cânone em sua confluência com a leitura como uma prática cultural, também questionarmos o caráter normativo e alheio do cânone, e isso permite que acreditemos na possibilidade de gerar ações e teorias situadas no território de nossas práticas (BAJOUR, 2012, p.105). Isto é, olhar para o perfil das participantes, principalmente, de um grupo de leitura, não restringindo esse olhar a questões subjetivas, estando ciente DE que sua importância é inegável, mas é preciso ser mais abrangente para que o ato de decidir seja consciente de todas as questões que circundam a curadoria de uma obra. Pois, o ato social de decidir revela inevitavelmente posições tomadas, rituais, censuras, histórias de vida e de leitura.

3.1 Mediação de leitura na *web*

Quando tratamos das questões que circundam a expectativa e o interesse de leitoras em permanecer em grupos virtuais de discussão do livro, estamos tratando de uma fragilidade que essa modalidade apresenta se comparada com a modalidade presencial, sobretudo, no que diz respeito à inatividade da tecnologia em que estão hospedados, Balling et al. (2008), baseados num estudo de caso que realizaram sobre grupos digitais de leitura, implementados no seio de bibliotecas públicas dinamarquesas, afirmam que

The interesting thing regarding the digital reading groups compared with traditional reading groups is the fact that the members are spread all over the country and participate in the discussion when and where it suits them. This provides [...] a great amount of freedom and flexibility for the members [...] less responsibility when it comes to activity in the group. [...] This leads to the biggest disadvantage [...]: the dialogue is slow and sluggish” (BALLING et al., 2008, p. 59 apud TORRE, 2012, p. 71)²

Mesmo com a flexibilidade como um fator que pode dificultar a participação ativa das membras de um grupo virtual de discussão do livro, os autores conferem relevo a figura das mediadoras, como agentes asseguradores da participação de suas membras (Fister, 2005; AuYeung *et al.*, 2007; Torre, 2008).

Como observamos nas respostas obtidas no questionário, as participantes avaliam positivamente as mediadoras no que diz respeito a condução das discussões: “Eu creio que a curadora tem um bom repertório literário e linguístico, porque as obras são muito profundas, muito bem escritas e carregadas de um conteúdo que apenas a vivência pode proporcionar a uma escritora. A mediadora também é excelente e demonstra muito jogo de cintura durante as discussões, é educada e muito acolhedora.” A mediação de leituras na *Web* apresenta uma certa fragilidade, pelo caráter inativo das plataformas, como *Google Meet*, que permitem que as participantes desliguem suas câmeras e microfones, no entanto, como podemos observar na

² O interessante em relação aos grupos de leitura digital em comparação com os tradicionais grupos de leitura é o fato de os membros estarem espalhados por todo o país e participe da discussão quando e onde lhes for conveniente. Isso fornece [...] muita liberdade e flexibilidade para os membros [...] menos responsabilidade quando se trata de atividade no grupo. [...] Isso leva à maior desvantagem [...]: o diálogo é lento e moroso” (p. 59)

resposta da participante a postura acolhedora na condução dos debates têm assegurado o bem-estar das participantes em discussões, muitas vezes, carregadas de temáticas incômodas, visto que as obras literárias debatidas descortinam a nossa sociedade expondo suas mazelas, como por exemplo, o machismo e o racismo, que são temáticas que permeiam as obras de Conceição Evaristo, Maya Angelou e Chimamanda Ngozi Adichie.

Na resposta da questão nove, que as indagava sobre a razão que as faziam permanecer uma das participantes respondeu: “O primeiro motivo com certeza foi pelas obras indicadas e pelo valor cultural e intelectual que o grupo está me proporcionando. Entretanto, à medida que os encontros estão sendo realizados, sinto que está nascendo no grupo um sentimento de união e de pertencimento. E como diria Clarice Lispector: ‘Pertencer é viver’.” A curadoria das obras não é o único assegurador da permanência, mas um dos fatores devendo está aliado à presença de uma ou mais mediadoras ativas,

AuYeung et al. (2007), na sua investigação sobre grupos de leitura online, constatam que todos os CVL bem sucedidos possuem facilitadores ativos, pelo que concluem: “The facilitator or moderator is, in our opinion, a key ingredient in the success of an online book club.” (p. 4). Torre (2008) compara dois CVL de escolas que lecionam o terceiro ciclo e verifica que, relativamente ao grau de interatividade, os CVL revelam uma significativa divergência: um conta com 14. 232 participações, por oposição ao outro, que inclui somente 43, o que, na sua perspectiva, provavelmente, se atribui à presença/ausência de um (ou mais) moderador(es), entre outros aspetos. (TORRE, 2012, p.72)³

Ao final da investigação, AuYeung et al. (2007) cunharam o termo “*model of our ideal online book club*”⁴, e estabelecem como elementos essenciais os seguintes, a saber: 1) Página *web* atraente; 2) Fóruns de discussão facilmente acessíveis; 3) Notificação opcional por *e-mail*; 3) Conversação *on-line* em tempo real com autores; 4) Facilitadores ativos. Desse modo, podemos afirmar que os grupos virtuais de leitura apresentam fragilidades que podem ser contornadas com a presença de mediadoras ativas não deixando nada a desejar, se comparados com os grupos de discussão do livro presenciais.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos concluir que o perfil das participantes do Grupo de Leituras Feministas (GLEFEM) implicou nas decisões que envolvem a curadoria das obras para leitura e discussão coletiva num grupo virtual de discussão do livro, pois as participantes, de modo geral, fazem as seguintes avaliações acerca da curadoria e das outras ações que visam suas permanências: 1) Avaliação positiva da curadoria das obras; 2) Identificação com as temáticas abordadas nas obras; 3) Avaliação positiva das mediadoras. Isso se deve ao fato, principalmente, de as obras abordarem as temáticas acerca da condição feminina, em diferentes culturas e contextos históricos e sociais, visto o perfil que foi descrito na seção de resultados, que em suma, o grupo é composto, majoritariamente, por mulheres adultas, estudantes de graduação nas áreas das ciências humanas.

Além disso, o Grupo de Leituras Feministas (GLEFEM) não só tem se configurado como uma importante ferramenta de socialização e debate de questões acerca da condição das mulheres e das pautas feministas, como também os grupos de discussão do livro têm se mostrado uma ferramenta para formação de leitoras ativas, críticas e assíduas, e no caso do

³ “O facilitador ou moderador é, em nossa opinião, um ingrediente chave para o sucesso de um clube do livro online.” (p. 4).

⁴ “Modelo do nosso clube do livro online ideal”.

Grupo de Leituras Feministas (GLEFEM), em particular, propicia a criação de um elo entre mulheres frente a uma sociedade machista e patriarcal, através do estímulo à leitura associado ao protagonismo político.

Por fim, vale salientar a respeito do relevo que é conferido na esmagadora maioria dos trabalhos que compõem o nosso aporte teórico a figura do mediador, este elemento que compõe “o *model of our ideal online book club*”, cunhado pelas teóricas supracitadas, embasadas em vários estudos de caso sobre grupos virtuais de discussão do livro, que após a conclusão das pesquisas, consideram esse elemento imprescindível para uma prática de leitura dessa natureza ter sucesso. Apoiadas na leitura dos postulados de Bajour (2012), acrescentamos que este mediador deva está imbuído de uma concepção dialógica de escuta, consciente da realidade desigual e excludente que assola uma parcela majoritária de nossa sociedade, que exclui muitas vezes esses indivíduos de espaços de leitura, que limita muitas vezes a ampliação do cânone. É preciso, reconhecer, portanto, o caráter político dos grupos de discussão do livro, sejam eles virtuais ou presenciais, em contextos escolares ou não-escolares, e mais ainda, quando este escolhe ler exclusivamente mulheres por toda a conjuntura que estas escritoras têm para escreverem e publicarem.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. Tradução por Julia Romeu. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ANGELOU, Maya. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Tradução por Regiane Winarsk. Bauru-SP: Astral Cultural, 2018.

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução por Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

TORRE, Isabel Paula Pedro Brito da. *Clubes virtuais de leitura: Práticas e competências leitoras*. Tese (Tese de Doutorado em Ciências de Educação Especialidade de Literacias e Ensino do Português)-Universidade do Minho Instituto de Educação, Braga. p. 63-76, 2012. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/20800>. Acesso em: 24 ago. 2020.

VALENTE, Thiago Alves; DOMINGOS, Juliete Rosa. Clube de leitura: estratégias para formação de leitores. *Revista Leia Escola*, Campina Grande, v. 19, n. 3. p. 22-33, ago./out. 2019. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/issue/view/76>. Acesso em: 24 ago. 2020.

XAVIER, Ana Laura. Literatura e feminismo: o Clube de Leitura Leia Mulheres Marília. *Biblioteca Escolar em Revista*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2. p. 48-61, nov. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/download/151943/149507/>. Acesso em: 24 ago. 2020.